

CRONICA DE UMA VISITA

(de como o tempo nos confunde))

Segue em envelope fechado a minha crónica desta semana.

Senhor director, a minha visita ao Museu do Ipiranga foi um fracasso.

Não, por minha culpa, peço que me releve, mas porque o museu se encontra encerrado.

Fica assim, em suspenso a crónica que deveria ser publicada.

Em sua substituição envio outra que espero que possa agradar aos leitores.

Era nosso velho desejo – meu e de sua direção, desse prestimoso jornal onde tenho a honra de escrever – produzir um conjunto de narrativas sobre a origem do Brasil, sua história e seu povo.

Fica, este Desidério comprometido logo á nascença.

O Museu do Ipiranga encontra-se encerrado para obras de restauro. Antes assim, que havia, e talvez ainda haja, o perigo de os tectos nos caírem na cabeça, qual Asterix enclausurado num sarcófago de história que se quer viva, com saúde e pujante.

Só em 2022 é que está prevista a sua reabertura ao público, e nem poderei, até lá mover influências para solicitar uma visita privada, usando do privilégio de correspondente, porque o seu recheio se encontra espalhado por diversos edifícios próximos.

Como uma desgraça nunca vem só, perdi o livro que tinha sobre D. Pedro, onde se contam as suas desgraças, impetuosidades sexuais e maldições de saúde, enterramento, exumações e mais enterros e transladações, numa interminável e labiríntica vida de 36 anos.

Dos quais 23 passados no Brasil.

Claro que, também os seus feitos e tempestades. Como se não tivesse sido pouco o facto de ser quem exorciza a dependência e a coloca em palavras, gritando: Fico.

Foi liberal que derrotou o imobilismo e os privilégios da monarquia, na figura do seu irmão, D. Miguel, em Portugal.

Foi um grande homem, um excelente monarca e um pai sem igual, para além de esclarecido e criador de duas nações, uma em acto de parto, a outra em evolução sem retrocesso.

Ia a escrever irrevogável, mas arrependi-me, as palavras em Portugal têm vida própria e são muito traiçoeiras, aprendi com a idade a evitar as palavras que atraíam.

Mas volto ao Palácio da independência, aqui em S. Paulo de que lhe envio algumas fotos.

Tem arquitetura , no estilo eclético, desde 1890, graças a um arquiteto italiano, que edificou em alvenaria, quando o comum era erguerem-se as edificações em taipa de pilão.

É sabido!

A escadaria, é rica e monumental, representa o rio Tietê, que foi ponto de partida dos bandeirantes, rumo ao interior do País. Toda ela soberba, bem como os jardins que a envolvem, de acrescentos posteriores.

É sabido!

Também é bem conhecido o seu acervo e o quadro de Pedro Américo, "*independência ou morte*" ou o "*grito do Ipiranga*" que pode ser visto e apreciado em qualquer folha informática da rede que tudo devassa, divulgando e levando o mundo a todo o lado, sem sair de casa.

O que talvez não se saiba é que nunca ninguém morou neste edifício monumental, construído de raiz para celebrar a independência, contrariamente à maior parte dos edifícios que existem por todo o Brasil e na Europa.

Passeio pelos jardins e pelos bosques que rodeiam este edifício, desfrutando do convívio com as pessoas que por aqui se acolhem.

Mas, isto, tudo somado, não tem conteúdo para crónica que entusiasme o leitor do jornal que v.ex.as dirige. Por isso lhe conto um pequeno episódio do meu dia-a-dia, aqui em S. Paulo junto ao monumento que não sendo épico (o meu conto, evidentemente) pode tocar a sensibilidade dos leitores.

Estava um dia quente e ao procurar descansar, lendo notícias que me chegavam do outro lado do mundo, sentei-me sobre umas raízes de árvores antigas que, saindo da terra, formavam um montículo de altura, quase banquetada.

Fui abordado por uma senhora, com alguma idade, que num português perfeito, com um sotaque que não identifiquei, me perguntou onde era o Museu da Língua Portuguesa.

Como não sabia, procurei no meu aparelho de pesquisa – nada é tão confiável como uma ligação segura a “*clouds*”, satélites ou arquivos transportáveis sem peso, nem volume – e encontrei a segunda informação mais terrível do dia.

O Museu ardera em finais de 2015.

Lamento muito, disse. Nem sei porque o disse.

A senhora fez cara de desilusão e chamou pela acompanhante, que a alguns passos de distância tirava fotografias.

Era a minha prima Deolinda, moça bonita, solteira, estudante de arte e que estava em S. Paulo a frequentar um seminário de especialização em restauro e técnicas de conservação, que nas horas vagas fazia apoio social a um lar de idosos.

Quase impossível este encontro. Esotérico. Improvável. Contudo, real.

Foi então que reatámos os laços perdidos na voragem da vida e fomos conversar para um bar, depois de termos conduzido a senhora a casa, que com grande educação nos agradeceu a companhia.

Estarrecida com a casualidade a senhora, lá terá ido contar aos seus companheiros de envelhecimento o hifen que acabava de protagonizar entre dois portugueses perdidos, certamente colorindo o encontro com a malícia que dá sal e gosto á vida.

Sim, ficamos à conversa e por causa do Museu do Ipiranga e da Língua Portuguesa que o destino cruzou nas nossas vidas, mais uma senhora idosa sem asas, mas anjo, de certeza, ensarilhando e dando-lhes outro rumo e verdejantes prenúncios de futuro, aos nossos destinos, como já a seguir concluo:

De facto, temos agora dois filhos em comum. Não casámos, porque isso é coisa de passado que caiu em desuso, mas somos felizes um com o outro, por causa de um encontro fortuito no parque.

É claro – senhor director – se lhe conto tudo isto não é para ser publicado, mas para justificar o facto de nunca mais ter enviado crónica ou narrativa.

O que é mentira, pois sempre lhe enviei notícias e reportagens que não publicou, sem justificação. Talvez não tenha recebido, perdidas as minhas crónicas na teia da voracidade de um jornal. Contudo recebi o pagamento, pontual, sem falhas, o que muito lhe agradeço, será que ninguém deu pela minha ausência?

Espero não ter que devolver o dinheiro, assim ganho, sem leitores.

Penitencio-me pelo tempo decorrido. Melhor a decorrer, pois se esta carta vai com data de 2016, escrevo-a seis anos depois, mas isso são mistérios que não posso explicar.

O Museu Paulista, ainda não reabriu, está atrasado, como sempre acontece nas obras. Mas a vida faz-se todos os dias.

Temos passagens de avião para assistir à inauguração. Todos os quatro. Que seja quando Deus quiser.